

9º SALÃO DE ARTE CONTEMPORANEA DE CAMPINAS

João Francisco

74

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
Prefeito Municipal de Campinas

PROF. JOSÉ ALEXANDRE DOS SANTOS RIBEIRO
Secretário de Educação, Cultura, Esportes e Turismo

SRA. MARILUCIA NUCCI VACHIANO
Diretora do Departamento Municipal de Cultura

**CONSELHO DO MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA DE CAMPINAS**

Presidente: MARILUCIA NUCCI VACHIANO

Membros: CLODOMIRO LUCAS
GERALDO MAYER JURGENSEN
JOSÉ MARIO ARRUDA TOLEDO
DIONE RODRIGUES TIBIRIÇÁ

Assessora: DAISY SOARES MARIZ

É com grande satisfação que a Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo da Prefeitura Municipal de Campinas entrega ao público o 9º Salão de Arte Contemporânea, promoção sistemática do Departamento Municipal de Cultura pelo seu Museu de Arte Contemporânea.

Quero destacar aqui a proficiente e responsável atuação do Conselho do Museu de Arte Contemporânea de Campinas e dos funcionários administrativos e operários do Museu que, atuando respectivamente nas áreas normativa e executiva, deram ao Departamento Municipal de Cultura e aos críticos convidados, as necessárias condições de trabalho para a realização de uma mostra de artes visuais realmente representativa, didática e, portanto, útil ao povo.

Agradeço também à Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos, à Secretaria de Administração e à Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas, o trabalho e a irrestrita colaboração com que ajudaram a Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo na realização e montagem das novas instalações do Museu de Arte Contemporânea de Campinas.

Agradeço ainda à imprensa e ao rádio de Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outras cidades importantes, bem como à Associação de Museus de Arte do Brasil, pela ampla divulgação e importância nacional que deram a este Salão de Campinas.

Cumprimento os artistas participantes e, particularmente, os premiados e os convidados, cujas obras vêm enriquecer substancialmente o importante

acervo do Museu, e apresento a Sua Excelência o Prefeito Lauro Péricles Gonçalves mais este resultado da transformação em ato, de suas ordens, sempre preocupadas com a promoção espiritual, social e material do Homem, na cidade de Campinas.

CAMPINAS, OUTUBRO DE 1974
PROF. JOSÉ ALEXANDRE DOS SANTOS
RIBEIRO
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO, CULTURA,
ESPORTES E TURISMO

9º SALÃO DE ARTE CONTEMPORANEA DE CAMPINAS

João Francisco

74

JUSTIFICATIVA DO SALÃO

Para realizar o 9º SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE CAMPINAS, o Conselho do Museu de Arte Contemporânea do Departamento Municipal de Cultura, da Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo da Prefeitura Municipal de Campinas, resolveu convidar três críticos de arte, MÁRCIO SAMPAIO, OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO e ROBERTO PONTUAL, atribuindo-lhes as tarefas de planejar, regulamentar e coordenar o Salão em todas suas etapas, incluindo seleção e premiação de obras inscritas. Esta iniciativa, na verdade, corresponde a uma preocupação antiga do Departamento de Cultura, que já em 1971 fez com que o próprio júri do 7º Salão discutisse e propusesse novas possíveis diretrizes para esse tipo de certame. O objetivo do convite, neste ano, foi procurar tornar viável uma promoção unitária, e tanto quanto possível vital, dentro de uma estrutura habitualmente desgastada. Assim, a comissão de críticos fixou o seguinte documento inicial de trabalho:

“O ponto de partida para os reajustes propostos no 9º Salão de Arte Contemporânea de Campinas foi a verificação da inegável crise de representatividade e interesse que cerca, há algum tempo, as iniciativas desse tipo. Grande parte dos artistas brasileiros têm se recusado ao confronto, por motivos tão sutis quanto diversos, que vão desde a oposição ao suporte institucionalizado até, em certos casos, o medo de correr o risco de eliminação num cotejo competitivo, com desvantagem para suas imagens no mercado. Em outros casos, a evolução e a incorporação de novas linguagens expressivas denunciariam com clareza a limitação da divisão em categorias nos salões, e a inadequação do tipo de espaço disponível.

Havia a nossa frente duas opções. Uma, a abertura radical, que suprimisse o lado competitivo do certame, enfatizasse as pesquisas de vanguarda e transformasse o 9º Salão numa promoção experimental. Outra, a opção documental, não no sentido nostálgico de uma arte vivida e acabada, mas sim no de apreender e demonstrar a vitalidade de um setor ora

emergente na arte brasileira. Isso significava, também, a tentativa de recondução à mostra de alguns nomes mais ou menos ausentes, cuja obra faz parte dessa vitalidade e deve ser vista amplamente. A segunda opção pareceu-nos melhor, em função do caráter necessariamente informativo e didático de que se deve revestir um salão nas condições específicas do de Campinas.

No momento em que optamos pelo caráter documental, tornou-se também coerente restringir o âmbito do levantamento, para que ele possa ser mais claro e eficaz. O desenho despontou como a linguagem mais e melhor usada nos últimos três ou quatro anos, no Brasil, servindo inclusive como suporte para uma criação bastante não — convencional. Para exemplificá-la objetivamente, elaborou-se uma lista — base de vinte e um artistas convidados, que participarão do salão ao lado dos artistas regularmente inscritos e selecionados. Mantivemos o princípio de inscrição, seleção e premiação, pela evidência de um aspecto ainda positivo nesse esquema, qual seja a possibilidade de surgimento de novos nomes e propostas, que uma comissão normalmente não poderia conhecer. Por coerência e funcionalidade, também esse levantamento via — seleção ficou restrito à técnica do desenho, de forma a obter, inclusive, um panorama geral mais homogêneo.

Ressaltamos, finalmente que a proposta por nós apresentada para o 9º Salão de Campinas pretende responder apenas a um momento específico, parecendo-nos a mais exequível neste instante. A abertura implícita na disposição do Conselho do Museu será evidentemente continuada na medida em que, nos próximos salões, novos projetos sejam apresentados por outras comissões, em função dos dados que então estiverem a seu dispor.”

Campinas, 7 de julho de 1974

MÁRCIO SAMPAIO

OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO

ROBERTO PONTUAL

REGULAMENTO

1. O 9º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, promovido pelo Museu de Arte Contemporânea do Departamento Municipal de Cultura da Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo da Prefeitura Municipal de Campinas, realizar-se-á de 26 de outubro a 24 de novembro de 1974, no Paço Municipal de Campinas. Será destinado, este ano, a um levantamento do desenho brasileiro.
2. Participarão do Salão artistas convidados e artistas selecionados entre os regularmente inscritos, de todo o Brasil. As tarefas de convite, seleção e premiação são de competência dos críticos convidados pelo Conselho do Museu de Arte Contemporânea para o planejamento e coordenação geral do certame.
3. Os artistas não convidados poderão inscrever-se com qualquer número de trabalhos, desde que não ultrapassem, no conjunto, uma área de painel medindo 3,20 m de largura por 1,60 m de altura. A mesma área total será reservada para cada um dos artistas convidados.
4. Os trabalhos inscritos deverão ter sido realizados em 1974, e poderão ser de autoria individual ou de equipe. Neste último caso, deverá ser indicado na ficha de inscrição um responsável pela obra.
5. Os trabalhos deverão ser enviados juntamente com as fichas de inscrição, entre 1º e 26 de setembro de 1974, para o Museu de Arte Contemporânea de Campinas, no Paço Municipal. (Avenida Anchieta nº 200/ 3º andar / Campinas - São Paulo).
6. Haverá uma dotação oficial de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros) para a premiação de obras selecionadas, sempre em caráter aquisitivo, não sendo previstos outros prêmios regulamentares. Igual quantia ficará reservada para a aquisição de obras de artistas convidados. Todas as aquisições passarão a integrar o acervo do Museu de Arte Contemporânea de Campinas.
7. As obras inscritas e aceitas, bem como as dos convidados, poderão vir a integrar uma amostra circulante do 9º Salão de Arte Contemporânea, caso em que, mediante entendimento entre as partes, as obras deverão permanecer em poder do Museu por um período máximo de 6 meses. Em qualquer hipótese os trabalhos não poderão ser retirados antes do encerramento da mostra em Campinas.
8. As obras não selecionadas deverão ser retiradas até 60 dias após a divulgação dos resultados ou para os artistas que o preferirem e indicarem expressamente esse desejo, devolvidas pelo Museu, com frete a pagar. No caso de obras não procuradas após aquele período, o Museu poderá usá-las como melhor lhe convier.
9. Os casos omissos serão resolvidos pela comissão coordenadora, cujas decisões são irrecorríveis.
10. A participação no 9º Salão de Arte Contemporânea de Campinas implica na aceitação deste Regulamento.

JUSTIFICATIVA DA SELEÇÃO E PREMIAÇÃO

A partir do próprio princípio que presidiu, desde seu planejamento e regulamentação, o 9º Salão de Arte Contemporânea de Campinas — Desenho Brasileiro 74 —, os trabalhos de seleção e premiação obedeceram a um critério de máximo rigor, que a comissão assume totalmente. Pareceu-nos conveniente tentar obter uma amostragem sintética, objetiva, não redundante, nascendo daí a orientação de não se incluírem, por exemplo, dois ou mais artistas que fornecessem, na verdade, a mesma mensagem, apenas com níveis de qualidade diferentes. Bastaram, em tais casos, os melhores trabalhos.

Parece-nos que o resultado é uma visão clara do desenho hoje, no Brasil, conseguida em pouco mais de 200 trabalhos, de 21 artistas convidados e 56 selecionados. Entre uns e outros, na montagem do Salão, também realizada sob nossa responsabilidade, como última etapa de um encargo global que aceitamos, não se criou qualquer hierarquia. Eles se sucedem linearmente, em função apenas da mais rica legibilidade possível do conjunto.

Considerando, finalmente, a função também didática inerente a um museu, procuramos acentuar, na premiação, as diferentes tendências apresentadas, de forma a dotar a entidade da possibilidade de futuras amostragens funcionais de seu acervo. Já nesse sentido pretende-se fazer circular o 9º Salão por algumas das principais cidades do Brasil, onde, é certo, a mostra terá uma contribuição nítida a dar, marcando assim a presença de Campinas entre os núcleos de ativação da arte brasileira.

Campinas, 30 de setembro de 1974

MÁRCIO SAMPAIO
OLÍVIO TAVARES DE ARAUJO
ROBERTO PONTUAL

MEMBROS DA COMISSÃO DE CRÍTICOS

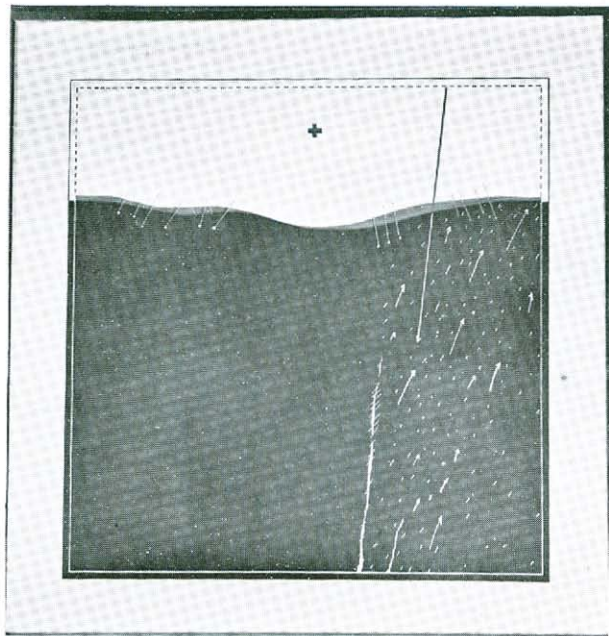
MÁRCIO SAMPAIO - Nasceu em Santa Maria de Itabira, Minas Gerais, 1941. Frequentou a Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo participado, como desenhista e pintor, de diversas mostras coletivas no seu Estado e em outras cidades brasileiras, além de realizar individuais em Belo Horizonte, desde 1964. No setor da crítica de arte, assinou coluna do Diário de Minas, em 1965, e no Suplemento Literário Minas Gerais, a partir de 1969. Atuou, recentemente, como um dos membros do júri que viajou por todo o Brasil selecionando artistas para a Bienal Nacional 74, em São Paulo. É responsável pelo setor de artes visuais do Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Poeta e ficcionista, tem publicado trabalhos e livros.

OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO - Nasceu em Belo Horizonte em 5 de dezembro de 1942. Iniciou suas atividades como crítico de música erudita em 1959. Desde 1963 passou à crítica de arte. Atualmente a exerce na revista Veja. Ex-professor da escola de Belas Artes de Belo Horizonte, da escola de Cinema da Universidade Católica de Minas Gerais e do Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais. Autor do ensaio "Imitação, realidade e mime-se", editado pela imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais em 1963. Membro da Associação Paulista de Críticos de arte (APCA), Associação Brasileira de Críticos de arte (ABCA) e da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA). Membro de júri de diversos salões. Diretor de cinema, tendo realizado diversos documentários, inclusive sobre arte e artistas: Farnesi (1970 - prêmio curta metragem do festival de Brasília de 1971), Volpi e Di Cavalcanti.

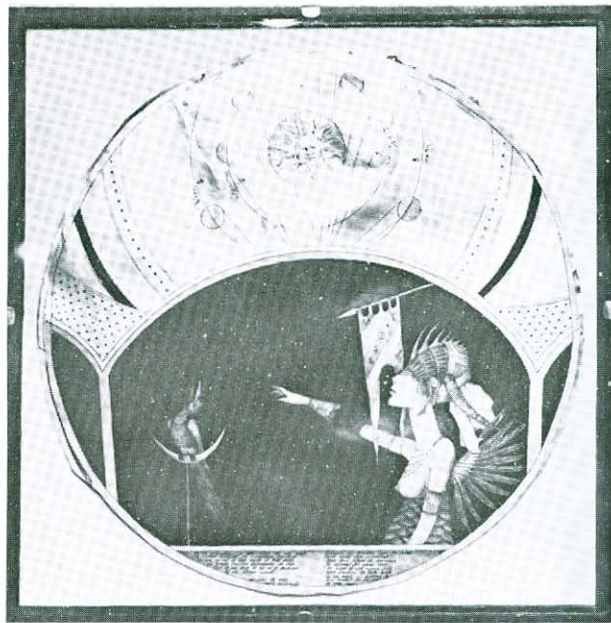
ROBERTO PONTUAL - Nasceu em Recife, Pernambuco, 1939. Residindo desde a infância no Rio, começou a publicar trabalhos de crítica literária em 1958, colaborando com poemas, traduções e ensaios no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil entre 1959 e 1961. Nesse último período, ligou-se ao movimento de arte neoconcreta, participando de suas últimas mostras no Rio e em São Paulo, com poemas visuais. Atuando, a partir de 1967, com maior frequência no âmbito das artes visuais, publicou as seguintes obras: Dicionário das Artes Plásticas no Brasil (1969), Scliar: o Real em Reflexo e Transfiguração (1970), Arte/Brasil/Hoje: 50 Anos Depois (1973) e Jenner: a Arte Moderna na Bahia (1974). É colaborador da Grande Enciclopédia Delta-Larousse, da Enciclopédia Britânica do Brasil e da revista internacional D'Ars, de Milão. Crítico de artes plásticas do Jornal do Brasil, atua também, desde 1973, como coordenador dos cursos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

ARTISTAS CONVIDADOS

ANNA MARIA MAIOLINO
ARLINDO DAIBERT AMARAL
BARRIO (ARTHUR ALÍPIO BARRIO LOPES)
CARLOS ALBERTO FAJARDO
CARLOS EDUARDO ZIMMERMANN
CARLOS VERGARA
CILDO MEIRELES
LUIS GREGÓRIO CORREIA
LUIS PAULO BARAVELLI
LUIZ ALPHONSUS GUIMARÃES
MADU (MARIA DO CARMO V. MARTINS)
MANOEL AUGUSTO SERPA DE ANDRADE
MARCOS COELHO BENJAMIN
MARIA DO CARMO SECCO
MIRA SCHENDELL
ROBERTO MAGALHÃES
TOMOSHIGE KUSUNO
TUNEU (ANTONIO CARLOS RODRIGUES)
WALTERCIO CALDAS JR.
WILMA MARTINS



ANNA MARIA MAIOLINO
Sem título — 1974



ARLINDO DAIBERT AMARAL
Urania

ANNA MARIA MAIOLINO

Nasceu em Scalea, Itália, 1942.

Depois de estudos na Venezuela, entre 1958 e 1960, veio residir no Rio de Janeiro, onde se dedicou ao aprendizado de gravura na Escola Nacional de Belas Artes. Ao final da década de 1960 e início da década seguinte, viveu por alguns anos em Nova Iorque. Em seguida a esse período, voltou a fixar-se no Rio.

Seu trabalho partiu de uma influência inicial da pop-art, abordando a massificação do ser humano nas grandes cidades de hoje, para chegar, mais recentemente, em desenhos, pinturas e gravuras, a um interesse pela investigação da própria superfície da obra, que ela corta, amarra, costura ou inverte, sem deixar margem para a narrativa de caráter figurativo. Ali, são apenas percursos, cartas geográficas da mente, revisões e recuperações da memória, que emergem e se fixam, na preferência por umas poucas cores e sinais.

ARLINDO DAIBERT AMARAL

Nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, 1952.

Apresentando-se inicialmente na sua cidade natal, onde se formou em letras, ele participou, em 1973, da mostra 50 Anos de Desenho Brasileiro (Galeria IBEU, GB). No I e II Salão Global de Inverno (Belo Horizonte, 1973 e 1974) obteve, respectivamente, prêmio de aquisição e prêmio de bolsa de estudos em Paris. Incorporando recursos que o aproximam da linha erótico-cabalística de um Darcílio Lima, com a presença ainda de Roberto Magalhães, ele fixa cada um de seus desenhos na precisão de detalhes, desde as figuras medievais com simbologia fálica (damas, unicórnios, incubos, súcubos), até os muitos outros símbolos e textos microscópicos, de ontem e de hoje, líricos ou apocalípticos, mais para serem vistos do que lidos.



BARRIO
Sem título



CARLOS FAJARDO
Sem título — 1973

BARRIO (ARTHUR ALÍPIO BARRIO LOPES)

Nasceu no Porto, Portugal, 1945.

Vindo para o Rio de Janeiro em 1957, passou a apresentar seus trabalhos dez anos mais tarde. Foi um dos quatro artistas brasileiros incluídos na mostra internacional Information (Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, 1970). Entre 1970 e 1973, dedicou-se sobretudo a trabalhos em filmes super-8 e 16 mm, além de registros audiovisuais.

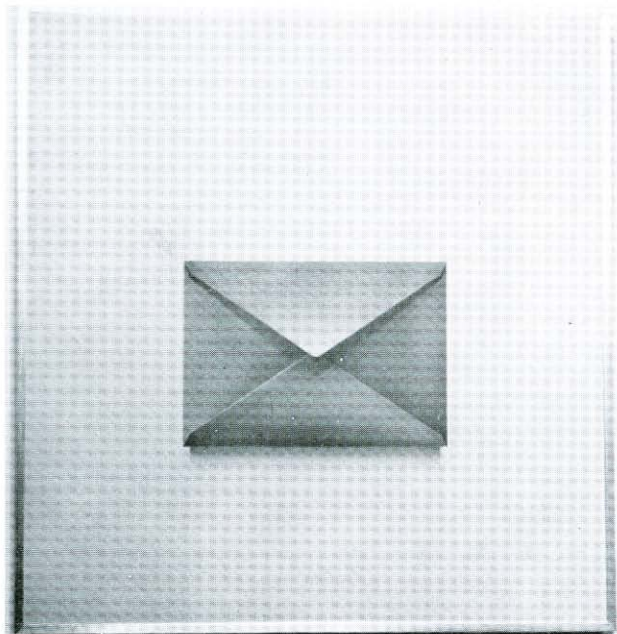
De um desenho inicial ligado à nova-figuração, ele talvez tenha sido o mais radical dos nossos artistas a propor, entre 1969 e 1971, através de situações ambientais e manifestações públicas, uma violência vertical do conceito estratificado de beleza, na busca e dignificação de seu exato oposto: o lixo, as sobras, a perecibilidade do orgânico. Retomando ultimamente o desenho, nele manteve a antiga fusão de humor e amargura, as faces rabiscadas e escuras vindo de sua própria dilaceração.

CARLOS ALBERTO FAJARDO

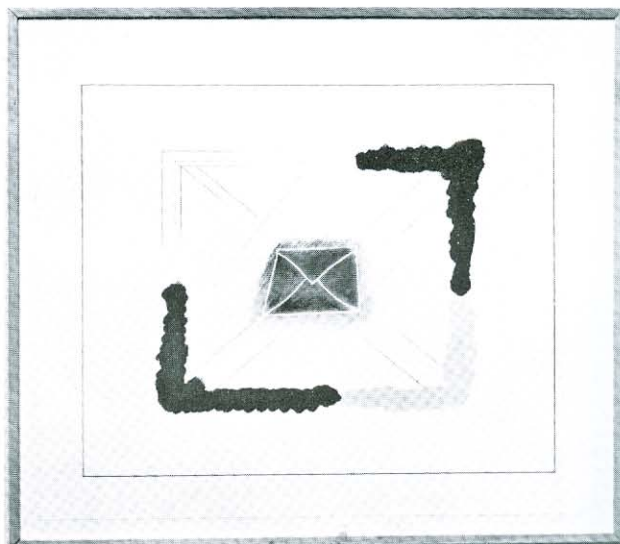
Nasceu em São Paulo, 1941.

Em 1963, além de iniciar estudos com Wesley Duke Lee, passa a frequentar a Faculdade de Arquitetura Mackenzie. Com Luís Paulo Baravelli, Frederico Nasser e José Resende, funda, em 1970, na capital paulista, a escola Brasil. Nesse mesmo ano, com os artistas referidos, expõe no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Na prática paralela do desenho, da pintura e da escultura - sem renunciar aos meios tradicionais, porém os acrescentando de outros - ele se volta para a discussão interna da própria arte ou do fazer arte, hoje. Numa série recente de desenhos, o registro do mecanismo da memória se acentua e busca a simultaneidade de áreas se aproximando mais fortes e regiões que apenas se delineiam, vazias ou esvaziadas pelo distanciamento do fato. A figuração se transforma, portanto, em veículo de comentário e proposta.



CARLOS EDUARDO ZIMMERMANN
Envelope — 1974



CARLOS VERGARA
Sem título — 1974

CARLOS EDUARDO ZIMMERMANN

Nasceu em Curitiba, Paraná, 1951.

Vivendo sempre na capital paranaense, ali começou a tornar-se conhecido por volta de 1972, inclusive através de mostras individuais. No ano seguinte, juntamente com Eduardo Cruz, Pietrina Checcacci e Luís Gregório Correa, integrou a exposição Em Torno do Real, na Galeria Grupo B (GB). Obteve certificado de isenção de júri no XXIII Salão Nacional de Arte Moderna, em 1974.

Utilizando com maior frequência o pastel sobre papel, ele tem mantido ao longo desses três anos de trabalho uma concentração evidenciada em torno de uns poucos elementos. Interessa-lhe sobretudo aproximar-se de uma quase fotografia de objetos do real (a princípio, torneiras tornadas fálicas; hoje, folhas de papel ou cortinas de enrolar), mas sem lhe retirar certa atmosfera de tensão surrealista, como se o muito real fosse mais do que o real.

CARLOS VERGARA

Nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, 1941. Depois de residir por algum tempo em São Paulo, veio para o Rio em 1954, realizando estudos de pintura, dez anos mais tarde, com Iberê Camargo. Entre 1965 e 1967, participa de importantes mostras da vanguarda brasileira, no Rio, São Paulo e Belo Horizonte, como Opinião-65, Propostas-65 e Nova Objetividade Brasileira. Integra, em 1971, no Rio, as manifestações dos Domingos da Criação. No ano seguinte, organiza exposição crítica de sua obra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Com atividade que abrange múltiplas técnicas, o desenho tem sido nela fator de primeira importância, mantendo-se sempre na área do comentário figurativo. Por volta de 1968, ele não só tornou mais óbvia a referência à circunstância brasileira (a bandeira, as palmeiras, o arco-íris, as bananeiras), como ampliou as pesquisas com toda a espécie de materiais, associando-os ao suporte convencional. A definida indefinição da imagem, instantâneos da memória indo e vindo, passou a dar a cada desenho desde aquela época uma disposição conceitual inequívoca.



CILDO MEIRELLES
História III — 1974



LUIS GREGÓRIO CORREA
Quadro nº 1 — 1974

CILDO MEIRELES

Nasceu no Rio de Janeiro, 1948.

Tendo vivido nos últimos anos em Goiânia, Belém, Brasília e Nova Iorque, reside no momento mais uma vez no Rio. Foi, no entanto, em Brasília que iniciou seus estudos, com Felix Barrenechea, em 1963. Em 1969, foi um dos primeiros premiados no Salão da Bússola (GB) e, no ano seguinte, integrou a mostra internacional Information (Museu de Arte Moderna de Nova Iorque). Em 1974, fez parte de uma exposição da nova arte brasileira no Centro de Artes y Comunicación, de Buenos Aires.

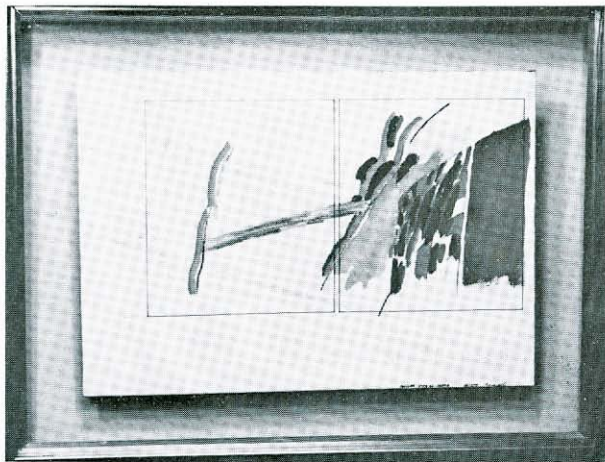
Interessado em todo e qualquer modo de manifestação - do desenho à pintura, à cenografia, ao ambiente, à ativação do cotidiano pelo objeto inusitado - ele se volta especialmente, como Barrio, para o questionamento da arte/bela, substituindo-a pela agressividade virtual ou real de uma arte/bela, onde o feio, o rude e o violento é que se instituem como linguagem. A figura violentada é, assim, o que predomina no seu desenho, ele próprio também muitas vezes diretamente violentado.

LUÍS GREGÓRIO CORREA

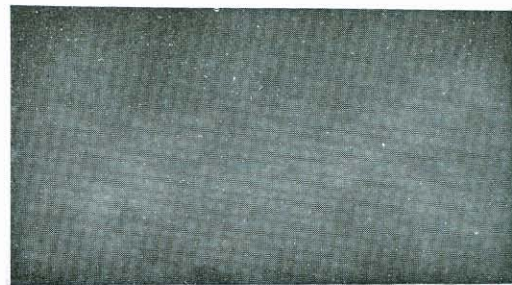
Nasceu em Santos, São Paulo, 1952.

Filho do pintor Mário Gruber, ele tem vivido sobretudo em São Paulo, inclusive depois de recente estada em Paris. Seu trabalho começou a ser notado por volta de 1972, integrando no ano seguinte, ao lado de Eduardo Cruz, Pietrina Checcacci e Carlos Eduardo Zimmermann, a mostra Em Trono do Real (Galeria Grupo B), no Rio. Em 1974, expôs individualmente no Museu de Arte de São Paulo.

Aproximando-se da atmosfera de solidão, ensimesmamento, expectativa e alheamento que caracteriza a pintura do norte-americano Edward Hopper, ele situa em cada um de seus ambientes, iluminados como num palco de luzes especiais, os seus jovens companheiros diários. Não se trata, pelo menos até aqui, de um hiper-realista, mas de um realista cenográfico, ao qual interessa ainda a intensificação expressionista das cenas envolvendo seus personagens em pose.



LUIS PAULO BARAVELLI
Toalha de mesa — 1973



LUIS ALPHONSUS GUIMARÃES
Morning — série o óbvio — 1974

LUÍS PAULO BARAVELLI

Nasceu em São Paulo, 1942.

Entre 1960 e 1961, realizou cursos de desenho e pintura na Fundação Armando Álvares Penteado, de São Paulo, aperfeiçoando-se mais tarde com Wesley Duke Lee. Formou-se ainda em arquitetura. Em 1970, foi um dos fundadores da escola Brasil, em São Paulo. Com Carlos Fajardo, Frederico Nasser e José Resende, expôs, naquele mesmo ano, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Em 1972, participou do Panorama de Arte Brasileira, na capital paulista.

Ao mesmo tempo introspectivo e crítico, sua obra - diversificada por mais de uma técnica - se desenvolve como anotação e transfiguração constantes, a nível quase de diário autobiográfico, do nosso cotidiano visual e conceitual de agora. É assim que nele emergem também as referências analógicas à paisagem, cujos pontos de partida podem ser detectados na realidade de uma paisagem determinada, usual e reconhecível, mas cujo ponto de chegada é sempre a necessidade interna de compor, estruturar, fundar um novo real, entre a emoção e a razão.

LUIZ ALPHONSUS GUIMARÃES

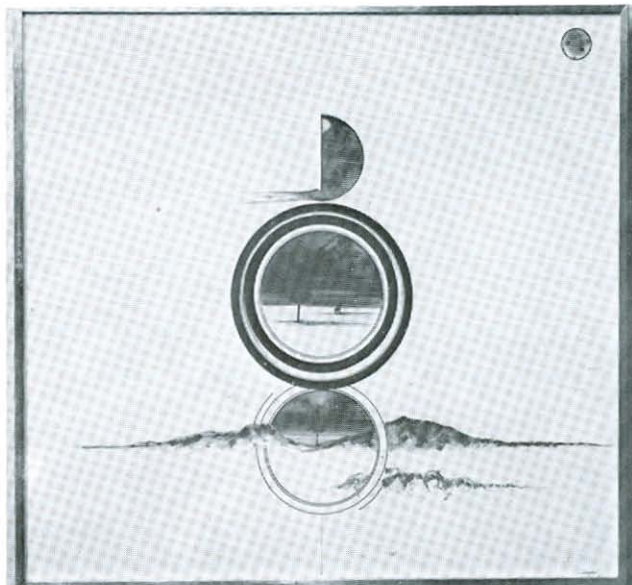
Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, 1948.

Depois de estadas no Rio, em Brasília e na Europa, entre 1955 e 1968, voltou a fixar-se na primeira cidade. Em 1967, participou do IV Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, recebendo, em 1971, prêmio de pesquisa na XI Bienal de São Paulo. Entre 1971 e 1972, exerceu atividade didática no Departamento Corpo/Som do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 1974, além de figurar na mostra Prospectiva 74 (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo), expôs individualmente na Petite Galerie (GB).

Duas constantes básicas envolvem a sua investigação em torno da natureza percebida e do ato de percebê-la e de nela se pôr a viajar: o recurso ao ponto de partida fotográfico e o uso da detonação de significados por intermédio de formas verbais. A noite, o dia, o céu, a terra, o sol, a sombra, as estrelas soltas no ar e os nossos objetos dispostos sobre a mesa - são esses os elementos dos quais ele procura se aproximar, desde o gesto fotográfico inicial, hoje armado de mais alguns instrumentos. A paisagem está para a máquina que a capta, mas também para a linguagem que a inventa de novo.



MADU
Sem título — 1974



MANOEL AUGUSTO SERPA DE ANDRADE
Paisagens — 1974

MADU (MARIA DO CARMO V. MARTINS)

Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, 1945. Em 1967, obteve prêmio de desenho no I Salão da Cultura Francesa, em Belo Horizonte, onde até hoje continua residindo. Participando com frequência de mostras coletivas na sua cidade e em outras capitais brasileiras, ela se integrou, em 1971, no trabalho da Fundação Cultural de Ouro Preto, sobretudo em torno de espetáculos de marionetes, com Álvaro Apocalypse e Therezinha Veloso. Com Márcio Sampaio, Manoel Augusto Serpa de Andrade e Fernando Veloso, expôs em 1974 na Galeria Marte 21, do Rio. O seu desenho mais recente acentua o fantástico, sem perda de contato com o cotidiano. Nela, o modo tênue de aplicar as cores fortes insiste em sublinhar a morbidez de bonecos-títeres com vida manipulada no pequeno palco de um teatro irrespirável, onde se acumulam batmans atropelados, dragões entre o horror e a mansidão, nessa atmosfera de estranheza que nos desloca para a área de um sonho muito preciso. Já não há, ali, a pesquisa inicial que a caracterizara, na busca de uma mineiridade nascida do cerco permanente das montanhas.

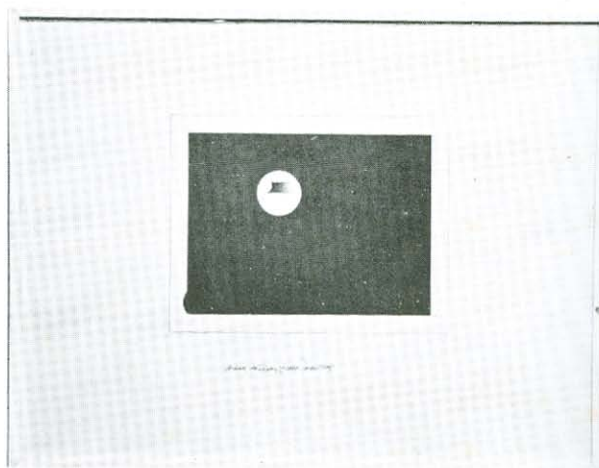
MANOEL AUGUSTO SERPA DE ANDRADE

Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, 1945. Começando a apresentar trabalhos em 1967, em Belo Horizonte, já em 1969 recebia prêmios de aquisição em mostras coletivas locais. Integrou, em 1971, a representação brasileira à XI Bienal de São Paulo. Com Madu, Márcio Sampaio e Fernando Veloso, expôs em 1974 na Galeria Marte 21, do Rio. Entre 1972 e 1973, esteve residindo na Europa, voltando em seguida à capital mineira. Já se pode determinar pelo menos duas sequências básicas no desenvolvimento de seu desenho até aqui. De início, atraiu-o o uso não convencional dos elementos formais típicos das histórias em quadrinhos, numa multiplicidade de rumos de leitura que não obrigava a um só encaminhamento e significado. Mais recentemente, atenuando a assepsia geométrica de antes e se voltando para a paisagem como ponto de partida de uma visão crítica do mundo, ele passou a trabalhar de modo direto com o papel, abrindo-lhe sulcos a estilete, que atuam como elos de uma cadeia de balões de ensaio soltos no ar.



MARCOS COELHO BENJAMIN

A queda dos anjos – Participação do patinho feio – 1974



MARIA DO CARMO SECCO

Caminho para atafona nº 1 – 1973

MARCOS COELHO BENJAMIM

Nasceu em Nanuque, Minas Gerais, 1952.

Transferindo-se para Belo Horizonte, começou ali a participar de mostras coletivas em 1971. Desde então, vem figurando com frequência em exposições por todo o Brasil, como a XII Bienal de São Paulo (1973) e o II Salão Global de Inverno (Belo Horizonte, 1974, com prêmio de viagem ao México), e também em várias mostras dedicadas ao desenho de humor, entre elas o I Salão de Humor de Piracicaba, em 1974, como artista convidado.

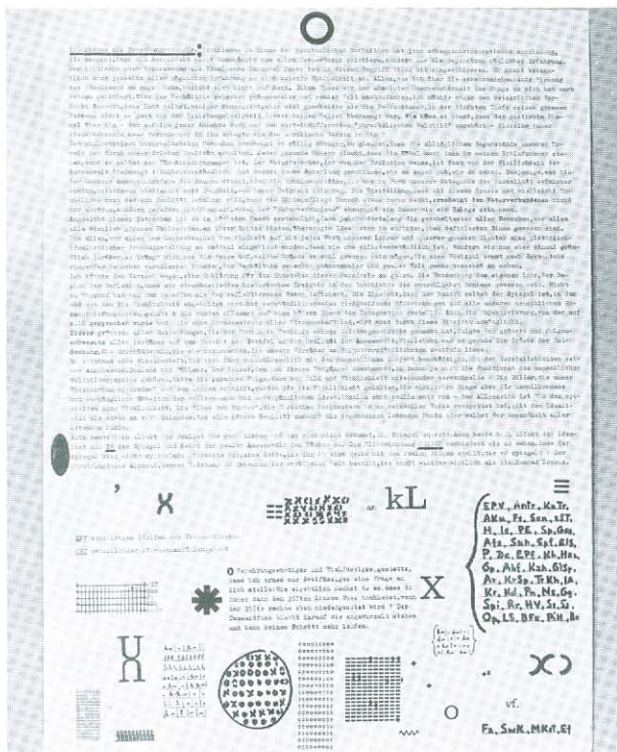
Seu desenho se estrutura em torno de um humor cáustico, até aqui centralizado na figura de personagens em voga, como Richard Nixon, mostrado numa Disneyworld pop-erótica a conduzir os atropelos da política internacional do momento. Nixon ali está, encimado por referências religiosas que se autodesmistificam, visto segundo um novo Watergate, se camuflando e se explicando em Pinnochio, Pluto e Donald.

MARIA DO CARMO SECCO

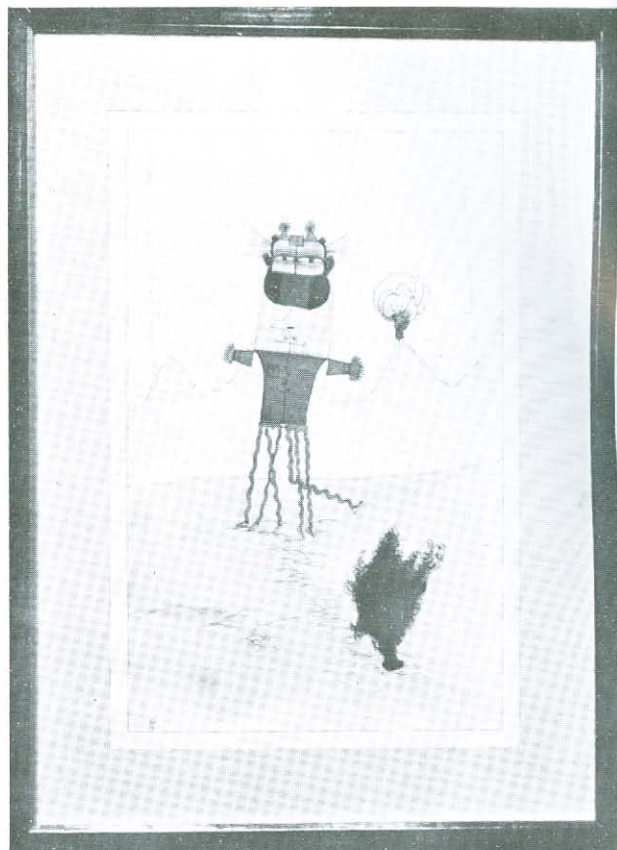
Nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo, 1933.

Desde cedo no Rio, ali estudou na Escola Nacional de Belas Artes e no Museu de Arte Moderna. Ao longo de toda a década de 1960, participou com frequência das mostras e atividades da vanguarda brasileira, obtendo inclusive prêmio de aquisição no Concurso de Formas de Caixas (Petite Galerie, Rio, 1967) e prêmio de pesquisa no XXII Salão Municipal de Belo Horizonte (1967).

Seu trabalho, da segunda metade da década de 1960 em diante, tomou por base a nova-figuração de caráter crítico e narrativo, sedimentada na evidência do elemento feminino. Pouco a pouco, no entanto, com a preocupação de limpar e definir mais claramente as unidades cromáticas em áreas de maior organização formal, o rumo figurativo de antes foi-se deslocando para a área de apenas analogias ao mundo real, sendo a figura também substituída pelo espaço e os objetos sintetizados da paisagem.



MIRA SCHENDELL
Sem título - 1974



ROBERTO MAGALHÃES
Sem título - 1974

MIRA SCHENDEL

Nasceu na Itália, 1919.

Vindo para o Brasil em 1949, realizou três anos mais tarde exposição individual em Porto Alegre. Fixada desde então em São Paulo, sua presença tem sido constante nas mostras coletivas brasileiras e internacionais dos últimos vinte anos, inclusive na Bienal de São Paulo (1963, 1965 e 1967), na Bienal Americana de Arte de Córdoba (1964) e na Bienal de Veneza (1968). Em 1966, expôs individualmente no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

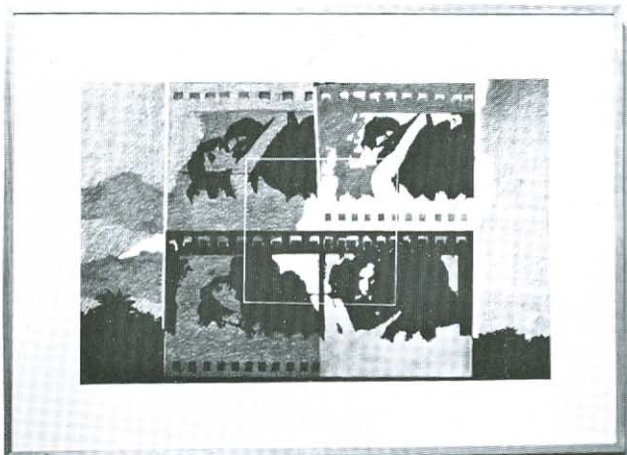
Utilizando em seus desenhos de fases recentes signos linguísticos, letras manuscritas, datilografadas ou impressas, palavras e símbolos matemáticos, e novas codificações visuais de poemas (como fez com alguns poemas de Theon Spanudis), a respeito deles disse Haroldo de Campos, em 1966: "Uma arte de palavras e de quase palavras, onde o signo gráfico veste e desveste, vela e desvela súbitos valores semânticos (. . .) Uma arte onde a cor pode ser o nome da cor e a figura o comentário da figura".

ROBERTO MAGALHÃES

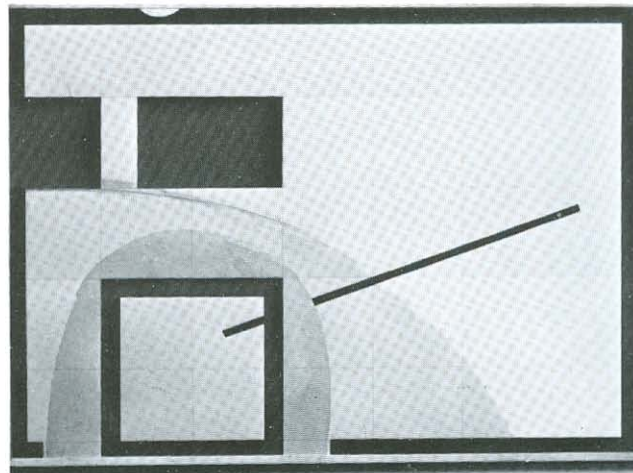
Nasceu no Rio de Janeiro, 1940.

Depois de curto aprendizado na Escola Nacional de Belas Artes, começou em 1962 a apresentar seus trabalhos, recebendo já no ano seguinte prêmio de aquisição na I Exposição do Jovem Desenho Nacional (São Paulo). Em 1966, obteve o prêmio de viagem ao estrangeiro do Salão Nacional de Arte Moderna, residindo entre 1967 e 1969 na França, onde expôs individualmente, em 1968, na Galeria Debret, de Paris. Desde que voltou da Europa, tem-se apresentado apenas em uma ou outra mostra coletiva.

Ligado nos primeiros anos da década de 1960 ao grupo de artistas que entre nós se encarregou de retomar a figuração, depois de longo período de predomínio da abstração, ele tem continuamente desdobrado sua propensão para o fantástico, no desenho, na gravura e, de uns tempos para cá, também na pintura. O prazer quase infantil da miniaturização e dos jogos avivados de cor, segundo um sistema de montagem de elementos díspares, aparentemente desconexos, amolda o drama ao riso, amplia a tensão na tranquilidade, engloba no todo o avesso das coisas.



TOMOSHIGE KUSUNO
Desenho



TUNEU
Desenho nº 2 – 1974

TOMOSHIGE KUSUNO

Nasceu em Yubari, Japão, 1935.

Após haver iniciado carreira no Japão, dentro de grupos de vanguarda, veio para o Brasil em 1960, fixando-se desde então em São Paulo. Em 1963, obteve o primeiro prêmio de desenho no XVIII Salão Municipal de Belo Horizonte, no qual receberia ainda o grande prêmio em 1967. Nesses últimos anos, tem participado de muitas mostras coletivas no Brasil e no exterior, inclusive da IV Bienal dos Jovens, de Paris, em 1965. Em 1974, expôs individualmente na galeria Múltipla, de São Paulo.

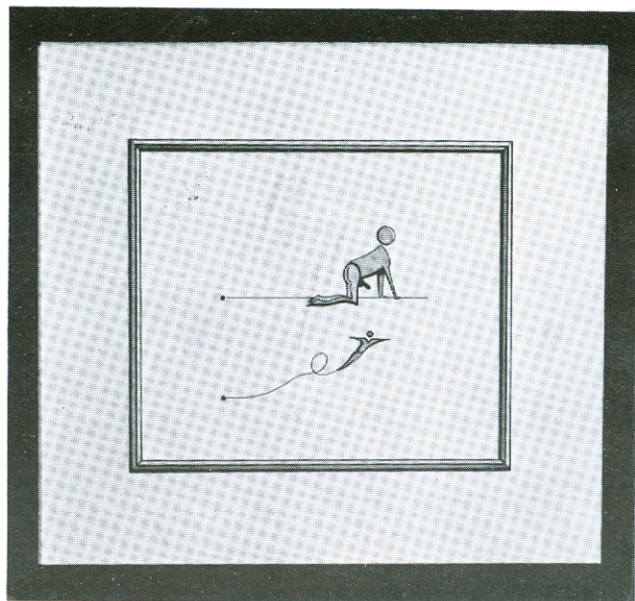
Aclimatado ao ambiente urbano de criação paulista e buscando conscientemente integrar sua origem oriental com o polo oposto das novas condições de vivência, ele assumiu de início a iconografia de uma figuração crítica que, ao final de década de 1960, foi se depurando no sentido de construções geométricas entre o plano e o espaço, fora da convenção de formatos da tela e incorporando recursos cinéticos, para que o espectador pudesse participar diretamente da fruição da obra. Nos seus desenhos mais recentes, predomina no entanto uma mesclagem de climas surrealistas, hiperrealistas e conceituais, de retorno a sutilezas da figuração crítica.

TUNEU (ANTONIO CARLOS RODRIGUES)

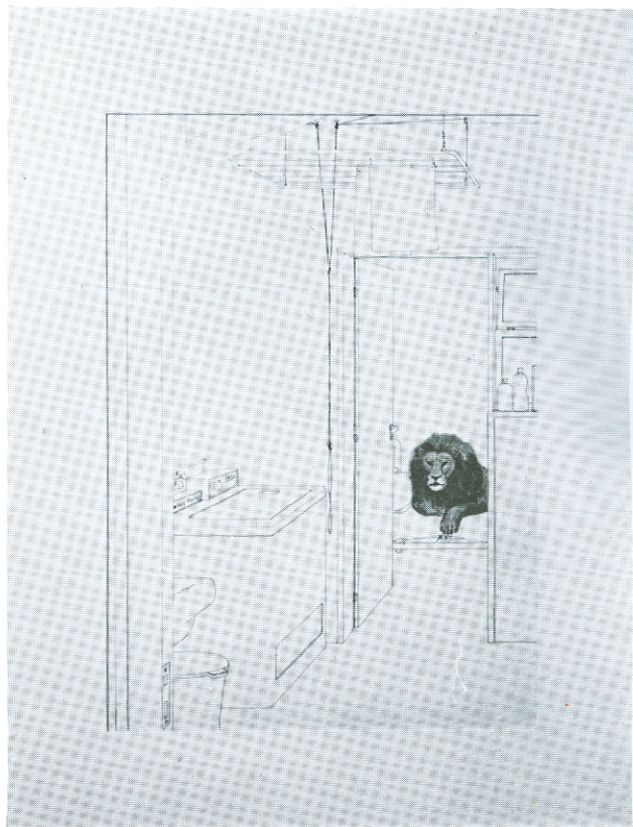
Nasceu em São Paulo, 1948.

Em 1966, depois de alguma orientação recebida de Tarsila do Amaral, começou a apresentar seus trabalhos, participando já no ano seguinte da Bienal de São Paulo. No VI Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1970) obteve prêmio de desenho, iniciando em 1971 trabalho no campo da arte publicitária.

Amparando-se inicialmente no recurso à colagem, seu desenho foi pouco a pouco adquirindo autonomia, no despojamento rumo à distribuição geometricamente disciplinada do espaço, de modo a abordar a paisagem em termos apenas alusivos. Sente-se, ali, a paisagem por detrás, mais como possibilidade de que como realidade flagrante: as montanhas, as nuvens, os caminhos e os ventos só chegam a poder receber esses nomes por um exercício de sugestão que o traço e as áreas precisas de cor permitem.



WALTÉRCIO CALDAS JR.
Quadro nº 2



WILMA MARTINS
Visitante

WALTÉRCIO CALDAS JÚNIOR

Nasceu no Rio de Janeiro, 1946.

Cumprido um aprendizado inicial com Ivan Serpa, ele não mostrou regularmente seus trabalhos em público até 1973, quando expôs uma série de desenhos e objetos no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mostra que lhe valeu o Prêmio da Crítica, em 1974, como melhor artista do ano anterior, no Rio. Em 1974, voltou a realizar exposição individual na Galeria de Luiz Buarque de Hollanda (GB).

O humor que caracteriza boa parte de seus desenhos nada mais é do que um recurso para a consciência tensionada, a indicar que as coisas todas existem lado a lado com o seu contrário. Nos trabalhos mais recentes, algumas características de antes se alteraram, sobretudo no sentido de intensificar a presença do plano mental no seu relacionamento com os dados visuais que o detonam. As referências cabalísticas e uma certa atmosfera alquímica, que também o marcavam, cederam lugar a um processo de elaboração muito mais pensado, medido, controlado, no qual os símbolos se despojam de suas camadas esotéricas.

WILMA MARTINS

Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, 1934.

Ainda em Belo Horizonte, a partir de 1953, fez aprendizado de pintura e desenho com Guignard, estudando também gravura, meio expressivo ao qual se dedicou com maior frequência até tempos mais recentes. Participando constantemente de mostras coletivas em cidades brasileiras e tendo lecionado desenho até 1965 na Universidade Mineira de Arte, transferiu-se depois para o Rio, onde continua residindo.

A concentração inicial numa xilogravura de evidência fantástica, com ampla simbologia erótica, na qual a cor entrava episodicamente para propiciar contrastes de maior dramaticidade, desembocou hoje em dia, com evidente coerência de estrutura, nos desenhos a bico-de-pena, onde a súbita aparição de animais realíssimos em quartos tranquilos que o traço apenas sugere, à maneira de Guignard, equilibra a um só tempo, no ambiente, os dados da exatidão e da estranheza, da segurança e do sonho.

ARTISTAS PREMIADOS

AMADOR DE CARVALHO PEREZ

BIA WOUK

CRISTINA TATI

EDUARDO CRUZ

EDUARDO HOTZ

EVA FURNARI

GERALDO PORTO E CHICO FRANZÉ

JOÃO PIRAHY

LUIS GUIMARÃES (GUIMA)

LUIS CARLOS LINDENBERG

MARCOS CONCILIO

MAURO KLEIMAN

NONI GEIGER

NORMANDO JOSÉ MARTINEZ SANTOS

PAULO DE TARSO VIANA DE SOUZA

ROGERIO LUZ

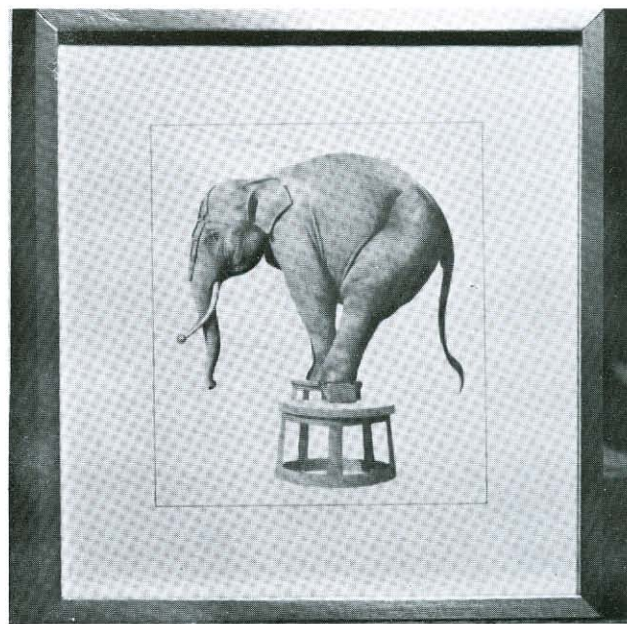
SERGIO ANDRADE

TAKASHI FUKUSHIMA

TEREZINHA VELOSO

VITOR GERHARD

YUKIO SUZUKI



AMADOR DE CARVALHO PERES – GB
Sem título

ARTISTAS SELECIONADOS

AMADOR DE CARVALHO PEREZ - GB

Sem título 1
Sem título 2
Sem título 3
Sem título 4
Sem título 5
Sem título 6

ANTONIO VITOR - SP

Montagem 1
Montagem 2
Montagem 3

BIA WOUK - PR

Passe
Faça
Sempre

CRISTINA TATI - GB

Desenho
Desenho
Desenho

CELIA SHALDERS - GB

Estudo para selo S
Estudo para selo T.J.L.

CELINA LIMA VERDE - SP

Desenho II
Desenho III

CID DE OLIVEIRA - GB

Geometria deslocada I
Geometria deslocada II

DENISE WELLER - GB

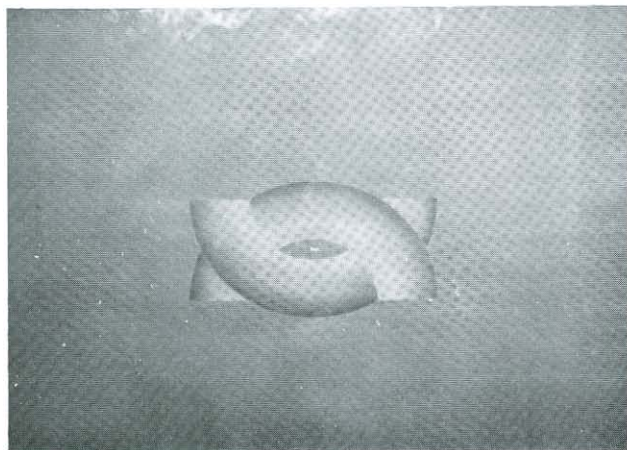
Desenho I
Desenho II
Desenho III

EDGAR MENDES DE MORAES DUVIVIER - GB

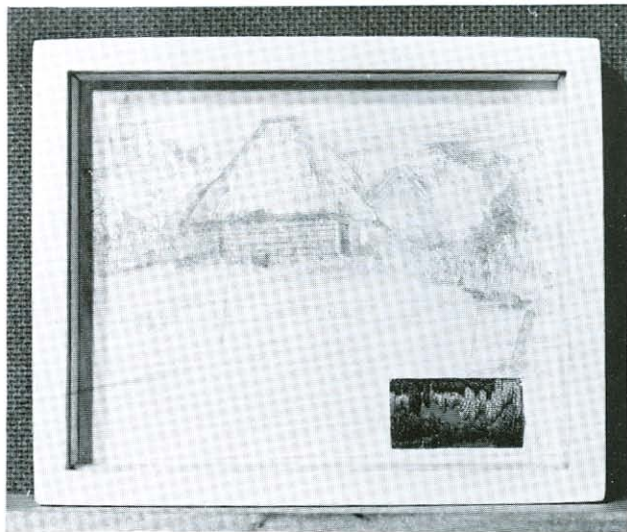
Composição - 13 trabalhos

EVA FURNARI - SP

Sem título I
Sem título II



BIA WOUK – Pr
Faça



NONI GEIGER – GB
Sem título 2

ARTISTAS SELECIONADOS

EVELINE DE BUARQUE BORGES - S. José dos Campos - SP

Na ladeira da evidência, o macuco feiticeiro e o pato prenhe
brotando no rei de Javã

A galinha do brejo da bananeira de chamego com a galinha gluttona, fede ponta de bode sambudo

Ritual de macucos na aparição de Roberto José; de nariz arfado, ele bufa

ERMELINDO NARDIN - Piracicaba - SP

Cinco desenhos sem título

EDUARDO FONTES HOTZ - Santos - SP

Erosão

Rodovia nº 1 / Projeto e implantação

Projeto de paisagem

Decomposição de paisagem

EDUARDO CRUZ - RS

Fundo infinito I

Fundo infinito II

Fundo infinito III

FLAVIO DE SOUZA - SP

Pássaros do Egito

Glória

FLAVIO FERRAZ LIMA - MG

O jardineiro

A liberação do Androceu

A rosa da cidade

FABIO MOREIRA LEITE - SP

Projeto para tela

Projeto para caderno em off-set

GERALDO PORTO E CHICO FRANZÉ - Campinas - SP

Fôlha

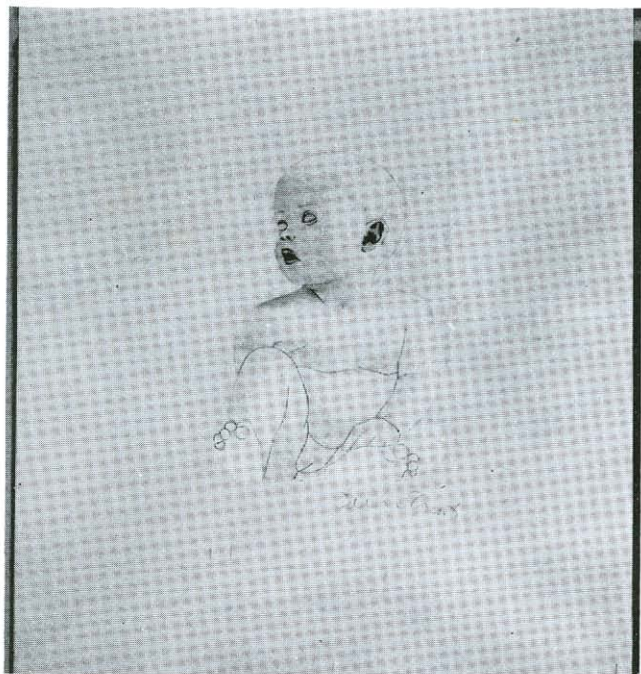
Lâmina

Estrela

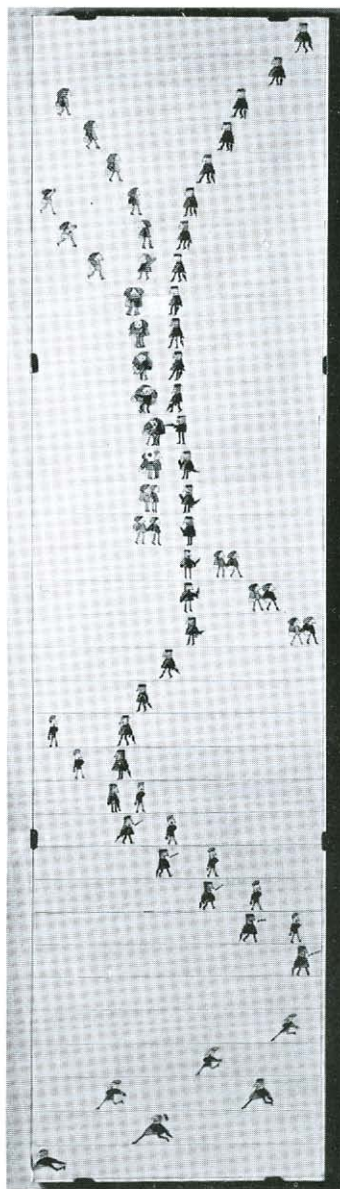
Pluma

GILBERTO O. SALVADOR - SP

Projeto para rompimento de cubo cromaticamente chauvinista



EDUARDO CRUZ – RS
Fundo infinito - II



EVA FURNARI – SP
Sem título I

ARTISTAS SELECIONADOS

HELENOS SILVA - SP

Composição em preto e branco
Arco iris
Movimento mágico

INÁCIO ZATZ (IGNATZ) - SP

O dia que Buda foi no Moulin Rouge
Você já foi às Cruzadas, nêga?
Beija flor, sociedade anônima
La comédia é finita!

IVO COSTA MESQUITA - SP

Desenho 1 (da série A modelo e a mesa)
Desenho 4 (da série A modelo e a mesa)

JOSÉ TEIXEIRA - SP

Gatos à noite I
Gatos à noite II
Gatos à noite III

JOÃO PIRAHÍ - SP

Omitama
Sivad
Oyashikiri

JOSÉ TARCISIO - GB

Desenho I
Desenho II
Desenho III

JOSÉ ALBERTO NEMER - MG

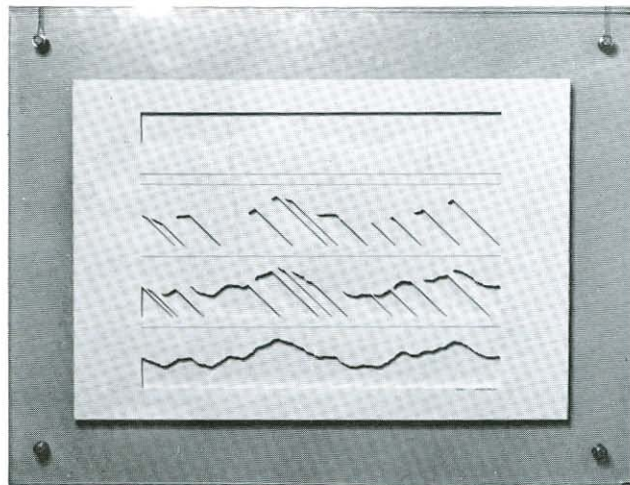
Cartas da França - Desenho verde 1
Cartas da França - Desenho verde 2
Cartas da França - Desenho verde 3

LUIS CARLOS MIRANDA LINDENBERG - GB

Makaira Ilheus
B.B.
Banho

LOTHAR CHAROUX - SP

Desencontro proposital
Quadrados I
Quadrados II
Quadrados III



EDUARDO HOTZ – Santos
Erosão



GERALDO PORTO e CHICO FRANZÉ – Campinas
Estrela

ARTISTAS SELECIONADOS

LUIS GUIMARÃES (Guima) - Tremembé - SP

Cosmovisão I

Cosmovisão II

Cosmovisão III

MAURO KLEIMAN - GB

Paisagem

Paisagem

Paisagem

Paisagem/Paisagem

Paisagem/Paisagem

MARIA HELENA GREIMBECKI - GB

Spectator: O que?

Spectator: O que é?

MANFREDO SOUZA NETO - MG

Estágio de uma paisagem 5

Estágio de uma paisagem 6

Estágio de uma paisagem 7

Estágio de uma paisagem 8

MÁRIO VALE - MG

História em quadrinhos I

História em quadrinhos II

História em quadrinhos III

MARGUERITA BORNSTEIN - SP

Desire - Desenho

25 fevereiro I

25 fevereiro II

24 years

MARILENA DE OLIVEIRA COSTA PINI - SP

Por nós - 1º Estágio

Por mim - 2º Estágio

MARCOS CONCÍLIO - SP

Sem título 1

Sem título 2

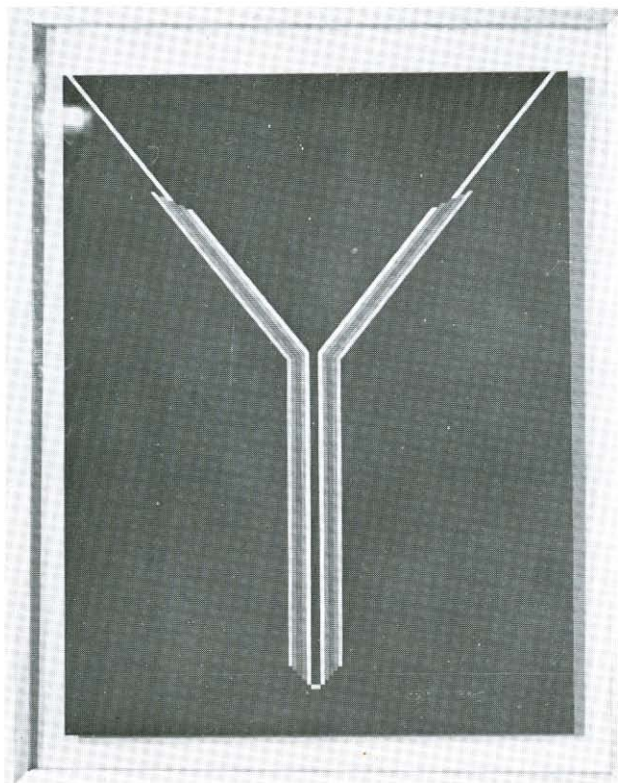
Sem título 3

Sem título 4

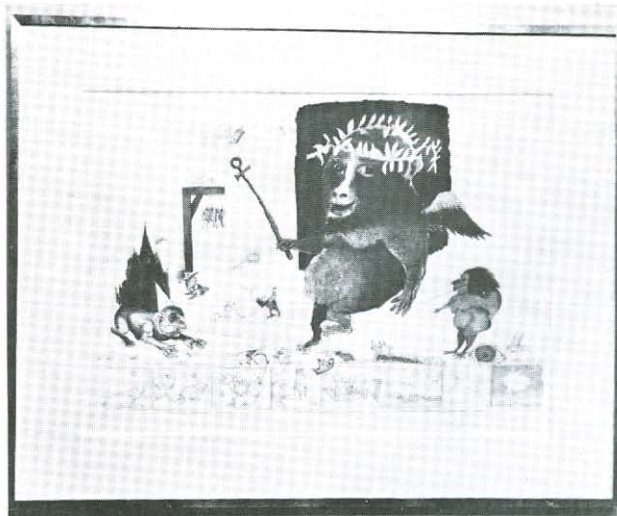
MONICA BARBOSA - GB

Desenho da série Ordenatura 2

Desenho da série Ordenatura 3



JOÃO PIRAÍ - SP
Sivad



GUIMA - GB
Cosmovisão II

ARTISTAS SELECIONADOS

NIOBE XANDÓ - SP

Nº 1

Nº 2

Nº 3

NORMANDO JOSÉ MARTINEZ SANTOS -
Campinas - SP

Vida e morte da linda Ines I

Vida e morte da linda Ines III

NONI GEIGER - GB

Linha de horizonte

Sem título 1

Sem título 2

Sem título 3

NINCA BORDANO - SP

Composição I

Composição II

Composição III

PAULO DE TARSO VIANA DE SOUZA - Campinas -
SP

Vã tentativa de fuga VI

Vã tentativa de fuga VII

Vã tentativa de fuga VIII

PAULO DE ANDRADE - SP

Um processo apocalíptico (4 partes)

ROGERIO LUZ - GB

Lições de coisas IV

Lições de coisas V

Lições de coisas VI

SARA CARONE - SP

Desenho I

Desenho III

SERGIO ANDRADE - GB

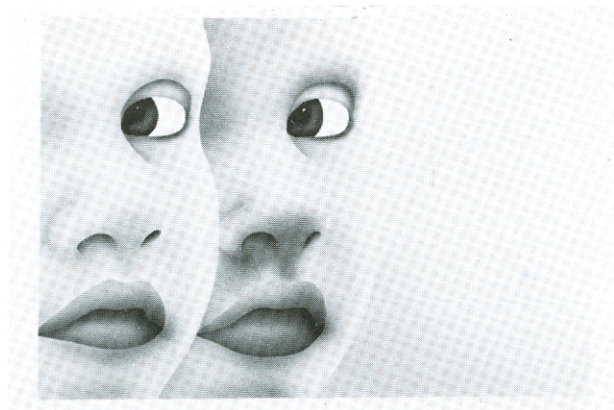
Missiva X

Missiva Y

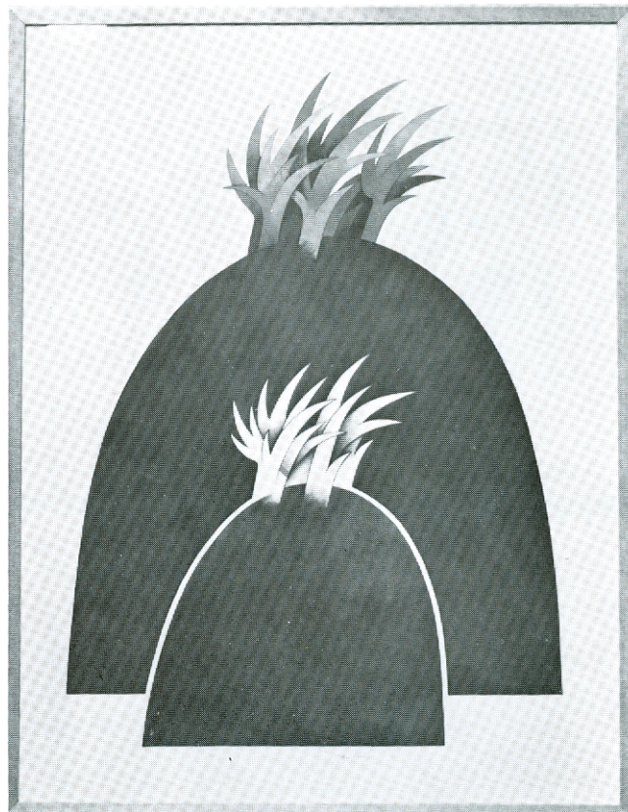
Missiva Z

SELMA DAFFRE - SP

Ar - Tempq - Terra



LUIS CARLOS LINDENBERG – GB
B.B.



MARCOS CONCÍLIO - SP
Sem título 2

ARTISTAS SELECIONADOS

SILVESTRE MENDONÇA DE RESENDE - SP

Preparação para o grande voo I
Preparação para o grande voo II
Preparação para o grande voo III
O grande voo I
O grande voo II

TANCREDO DE ARAUJO - GB

Oxossi I
Oxossi III

TAKASHI FUKUSHIMA - SP

Paisagem 6
Paisagem 6 (Mau tempo)
Paisagem - Jardim
Paisagem

TEREZINHA VELOSO - MG

Olhando o tempo passar
Homenagem a D. Olimpia

VALDIR SARUBI - SP

Muiraquitan (Mistério Annatuba)
Muiraquitan (Mistério Mangueiras)
Muiraquitan (Mistério Formigas)
Muiraquitan (Mistério Marajoara)

VICTOR GERHARD - GB

Ocupação 9741
Ocupação 9742
Ocupação 9743

VINICIO HORTA - GB

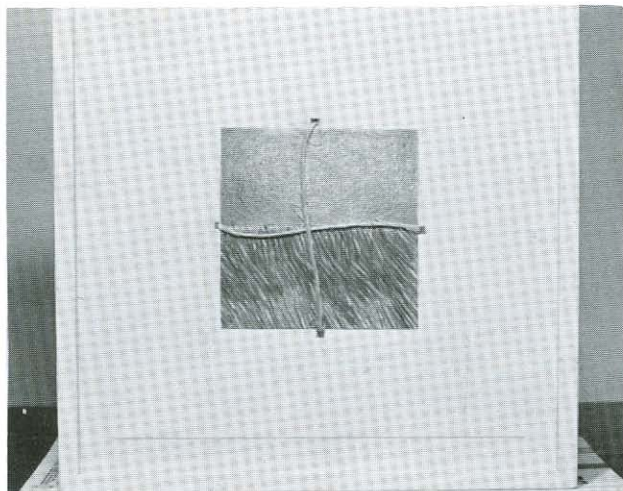
Sem título
Sem título
Sem título

VERA REGINA BONNEMASOU - Campinas - SP

Desenho 2
Desenho 3

YUKIO SUZUKI - SP

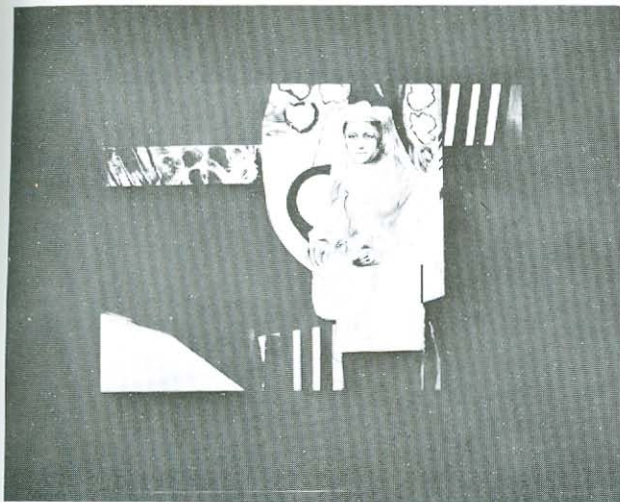
Espaço, mais um nº 1
Espaço, mais um nº 2
Espaço, mais um nº 3



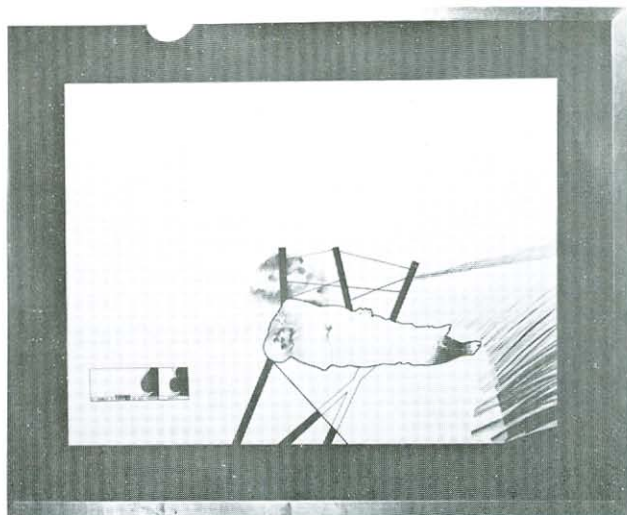
MAURO KLEIMANN – GB
Paisagem



CRISTINA TATI – GB
Desenho



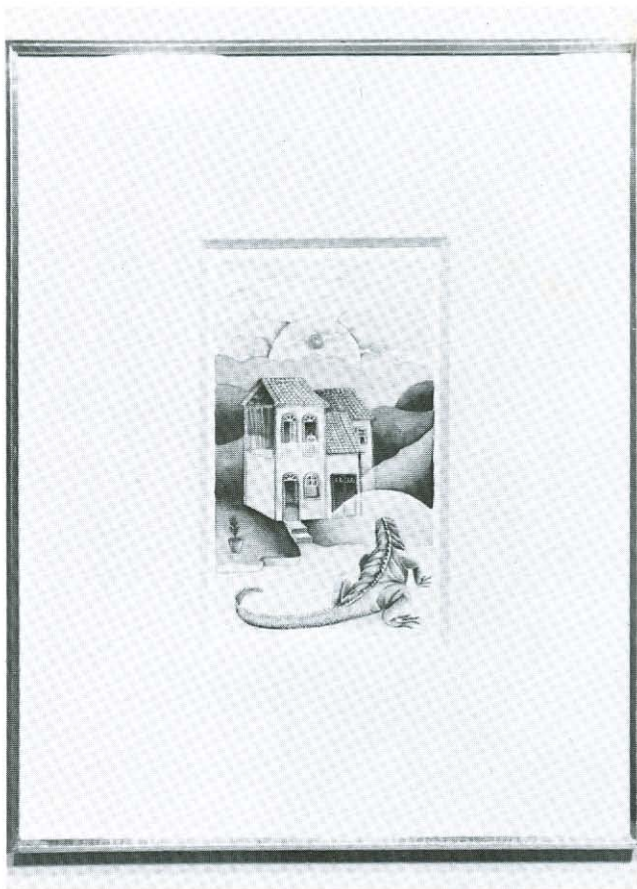
NORMANDO JOSÉ MARTINEZ DOS SANTOS – Campinas
Vida e morte da linda Inês III



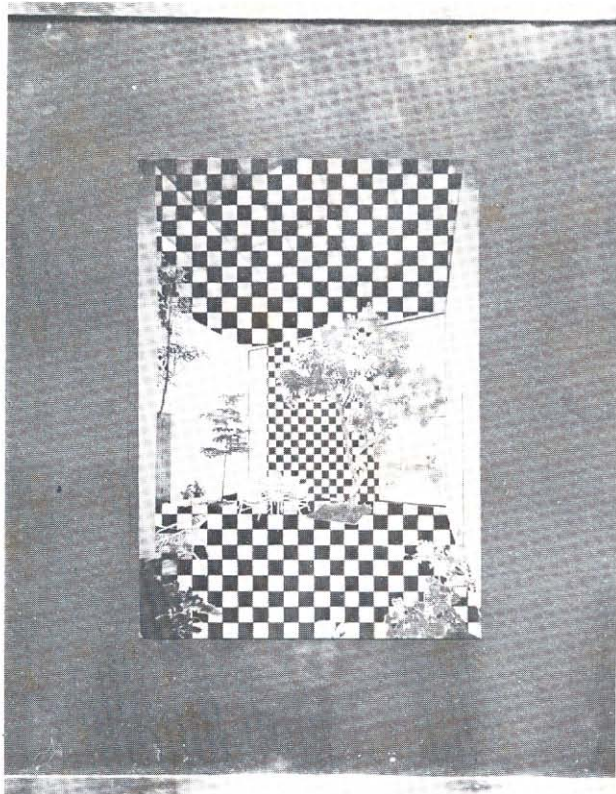
PAULO DE TARSO VIANA DE SOUZA – Campinas
Vã tentativa de fuga VIII



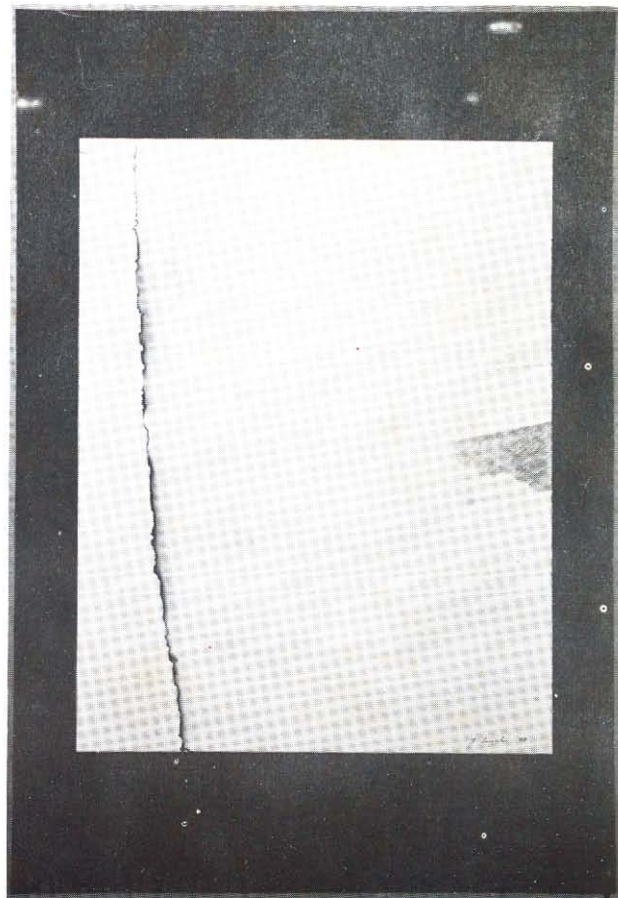
TAKASHI FUKUSHIMA — SP
Paisagem — Jardim



TEREZINHA VELOSO — MG
Olhando o tempo passar



VICTOR GERHARD – GB
Ocupação 9741



YUKIO SUZUKI – SP
Espaço mais um nº 1